Guerra Junqueiro

na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa

JUNQUEIRO, HERÓI NACIONAL (6)

Sabbado, 7 de Julho de 1923

O DIA

FUNDADOR: António Ennes

GUERRA JUNQUEIRO
A SUA MORTE

A's 6 horas da manhã expirou o grande poeta Guerra Junqueiro. Muito maior Poeta do que político, o portuguez illustre cuja alma está agora junto de Deus, para o Supremo Julgamento, deixou nas paginas de bronze das suas obras traços de genio, o que é mais do que ter affirmado um talento brilhante e uma alta inspiração. Não é, n'este momento, quando o seu corpo ainda aguarda que o levem para o repouso perpetuo no fundo d'uma sepultura, que pode exercer-se friamente sobre a obra de Guerra Junqueiro a critica que, aliás, já foi feita, e ainda recentemente sobre ella exerceu, com severidade, a penna erudita do illustre director d'*A Epoca*.

Hoje queremos, apenas, ao registar com pezar o desapparecimento d'esta magna figura das lettras portuguezas, prestar ao Poeta, que era de todos agora, em Portugal o Maior, aquella homenagem de apreço e de respeito que os dissentimentos politicos não devem impedir que lhe tributemos.

Acaboa esta manhã o grupo glorioso dos *Vencidos da Vida!* Porque a elle pertencia Guerra Junqueiro, o unico que, depois da morte do Conde de Sabugosa, ainda ficára n'este mundo.

N'esse tempo o dr. Abilio Guerra Junqueiro, elegante, distincto, muito apurado no trajo, recem-vindo da Universidade de Coimbra, onde se formára em Direito, convivia com a sociedade aristocratica e militava na politica monarchica, onde foi governador civil e deputado, eleito por Moçambique, pelo partido progressista, onde se filiára.

A evolução litteraria e politica do seu espirito deu-se mais tarde, e accentuou-se por occasião do *ultimatum*.

Esquecamos, por piedade christã, o que então fez e que teve no tragico terremoto moral e politico do nosso paiz uma influencia terrivelmente perniciosa.

Na morte a indulgencia é um dever da consciencia catholica...

Passou a combater a Monarchia e, nas suas obras, elle, no fundo um crente, foi um irreverente demolidor da Fé. Mas a republica — onde nem foi Presidente, nem parlamentar e, apenas diplomata de curta carreira — não foi a dos seus sonhos e ha muito já d'ella se desilludira, e a sua consciencia nunca supportou o que muitos julgaram vêr no deista convicto uma profissão d'atheismo.

Se não abjurou dos principios republicanos, não perdeu occasião de mostrar a sua descrença profunda, talvez o seu remorso pungente, pela obra de lesa-patria que ajudára a construir.

Quanto á religião, as suas declarações recentes e que se tornaram publicas, se não observarm todas as formulas d'uma conversão regular ao catholicismo, mostraram exhuberantemente que o Poeta reingressára na Fé immaculada e pura que illuminára outr'ora o seu privilegiado espirito.

D'essa conversão de Junqueiro e até da sua submissão final á Egreja Catholica são prova decisiva as expressas determinações que repetidas vezes, nos ultimos dias, fez á familia, para que o seu funeral fosse rigorosamente catholico, recusando as homarias que quizessem prestar-lhe e prohibindo os discursos, em que certamente se exaltaria o que da sua obra queria agora esquecer.

Nas abobadas sagradas da basilica da Estrella, onde jaz a piedosa Rainha D. Maria I, vae agora entrar, sob a guarda do Senhor, o corpo de Guerra Junqueiro antes de descer no tumulo!

Imperscrutaveis designios de Deus!

Não queremos deixar de recordar, ainda, n'esta hora luctuosa, a nobre attitude que tomou Guerra Junqueiro na questão da amnistia, pondo o seu nome á frente do movimento iniciado no norte a favôr d'ella e promovido, com o poderoso auxilio do *Primeiro de Janeiro*, pela gloriosa figura de Anthero de Figueiredo...

Já anteriormente, com os vencidos monarchicos do Porto, adoptára Guerra Junqueiro, defrontando a plebe demagógica, com altiva coragem, uma nobre attitude que devemos hoje pôr em relêvo.

Tomou-a, em especial, com o seu velho amigo pessoal conselheiro Luiz de Magalhães, a quem não abandonou no careere, attestando, até no julgamento, a sua leal correcção politica e pessoal.

Tambem relembraremos — porque foi notavel — a campanha brilhantissima que fez Guerra Junqueiro, a favor da bandeira azul e branca depois da proclamação da republica.

O respeito pela tradição, o culto esthetico que não podia apagar-se pela paixão sectaria na sua alma d'Artista, e tambem a visão politica, conjugaram-se n'elle animando-o a sustentar essa campanha, pela palavra e pela penna, em pleno periodo revolucionario...

No mez de Novembro de 1910 Guerra Junqueiro promoveu a realisação d'uma exposição interessantissima das antigas bandeiras portuguezas na Sociedade de Geographia, apresentando-lhe o seu projecto da bandeira republicana, ainda então não decretada: seria a mesma bandeira azul e branca, da Monarchia, com as quinas portuguezas, só substituida a corôa real por uma constellação.

A turba jacobina insurgiu-se contra essa bandeira, impoz as côres verde-rubras e n'esse sentido veiu a pronunciar-se a commissão que presidia o sr. João Chagas e de que foi relator Abel Botelho, concluindo por propôr a bandeira actual... depois de ter largamente demonstrado no proprio relatorio a preferencia a dar ás côres azues e brancas! O primeiro grande erro politico da republica, erro fundamental e irreparavel, foi esse!

Pouco depois praticava ella o segundo formidavel erro; a lei da separação!

Guerra Junqueiro morre não já no apogeu da sua gloria litteraria, pois a doença ha muito tempo o invalidára para o trabalho, tendo-se nos ultimos annos, mais devotado á cultura da Terra, até que das suas propriedades de Barca d'Alva desceu, já tocado pela morte, para o Porto, d'onde veiu, já conjuntado pela sciencia, acabar em Lisboa os seus dias. Desappareceo quando as mais densas sombras estão nublando os horisontes da Patria que muito amou.

Deixa nas lettras portuguezas um logar vago e que se não supprirá: mais falta lhes faz do que á politica, da qual estava já irreducivelmente affastado, não poupando, nos seus epigrammas lapidares, os infinitamente pequenos tornados immensamente grandes e que via, com desgosto e com fédio, tomarem conta do paiz, precipitando-o... na ruina e na anarchia Como José Sampaio (*Bruno*), como Basilio Telles, entrára Guerra Junqueiro enfileirára na grande legião dos desilludidos. A Morte deve ter-lhe sido a libertação!

Junto do leito mortuario onde repousa agora o insigne Poeta, inclinamo-nos com piedoso respeito e para a sua alma immortal supplicamos a infinita misericordia do Senhor!

(Vêr noticias e informações na 2.ª pagina)

O ATTENTADO D'HOJE
As bombas na Boa-Hora
LÊR NA 2.ª PAGINA

1

A conversão de Junqueiro

E' do illustre jornalista republicano dr. Trindade Coelho, o magnifico artigo d'hontem n'*A Patria*, que está dirigindo, e no qual, brindo intensamente o seu bello dizer, pulsa apressadamente o seu sobre coração, artigo de magnifica consagração de Guerra Junqueiro, dos que só se escrevem com lagrimas e deante do corpo para sempre inarrimado d'um grande amigo. Ali se faz esta preciosa redação, que tem a auctoridade do conhecimento de quem, nos ultimos dias da existencia do Poeta, d'elle pôde approximar-se e, porque lhe era muito querido, foi o depositario das derradeiras expressões do seu alto pensamento:

«*Porque não falamos na Virgem do Paraíso? Porque, ainda no nosso ultimo, desaguecivel dialogo com Junqueiro, repudiou este livro, confessando-o filho da sua d'esse encantador mas perverso poeta—palavras textuaes do Poeta, que me confirmaram a sua carta ao artigo sobre o Canor, das Profecias Diversas*».

«**Feri n'esse livro, accrescentou Junqueiro, a consciencia religiosa de Portugal. Feri, portanto, a sua unidade nacional. Eis o que repudio a VELHICE, que não teria escripto aos quarenta annos.**»

Estas preciosas estas palavras de Junqueiro, ditas recentemente a quem tanto apreço e confiança lhe merecia que lhe escreveu e a Teixeira de Pascoaes quadras religiosas popularis de Traz-os-Montes recolhidas na tradição oral; desejando que se as prefaciassem.

Mas bastariam, se as repetidas confirmações de Guerra Junqueiro não tivessem já sido tornadas públicas pela familia, para demonstrar a evolução profunda que, n'estes ultimos annos, se tinha produzido n'aquelle espirito, que procurava purificar-se, renegando o que condemnavel houvésse na sua vida, d'outr'ora para que subisse ao Divino Tribunal!

Não basta para que todas as almas dos que o tiveram por adversario se abstam n'estas horas de tristes emoções, em que na Basilica do Coração de Jesus, tendo o seu peito gelado, como devoção sua mandou, a imagem de S. Francisco de Assis, esse foi, em verdade, o Poeta da Terra e em tempos contemporaneos dos entre os maiores, aguarda a eterna do tumulo, onde quer que o deixem entrar sem honras, pompas, nem discursos...

Entretanto podemos todos nós lêr n'estas suas *notas à marginal uma philosophia*, que muito proposito publicou hontem tambem *A Patria*:

«Sinto-me em Deus, liberto do peccado, tornado invencivel. Domino o mundo. Se esqueço Deus e a minha pureza, um grão de areia faz-me vacilar.

* * *

Os meus grandes inimigos vivem na minha alma. Não receio ninguem; só tenho medo de mim proprio.

* * *

A Verdade é a libertação do espirito. O grau mais alto é o gran de liberdade. O tigre solto na floresta e o tyrano ovante n'um palacio são dois miseraveis. O homem livre ideal é o homem, pregado na Cruz e abençoando a terra.

* * *

Os mundos sem fim seriam zeros sem contagem, se fossem no principio, a dar-lhes valor, a Unidade—Deus.

* * *

A dôr não excede a razão. Ao contrario é a razão, a razão suprema.

* * *

O Christianismo foi feito pelo Sermão da Montanha e pela cruz. Pelo apostolado e pelo martyrio do amor e pela dor.

* * *

A humildade é um raio de luz celeste, coado na lagrima.

* * *

Morrer é aguniver. Viver é amar. O grau da vida é pelo grau do amor. O amor infinito, que absoluto, chama-se Deus.

* * *

Esmola d'um mendigo, que dá christianamente o seu pão, é mil vezes mais bela que a esmola.

* * *

Antes me estoirem os olhos do que me sequem as lagrimas».

* * *

Só poderei salvar a minha Arte, salvando a minha alma. Só conquistarei a Immortalidade, se chegar a Deus.

* * *

A Arte é o cantico do Amor. E' Deus traduzido em musica.

* * *

A escola sem Deus é o infinito sem rumo, é o Universo morto, decapitado.»

Guerra Junqueiro.

Evidentemente não serviriam estas maximas philosophicas d'um alto espiritualismo para dar *honras* a Guerra Junqueiro no *Livre Pensamento* ou para merecer, nas suas exequias religiosas e nacionaes, que vão celebrar-se, os preitos do *Registo Civil* e as homenagens da Maçonaria, cujo Sap.·. Gr.·. Mest.·. foi das primeiras pessoas a entrar na sua camara ardente onde, aos pés da Cruz, encontrou Guerra Junqueiro dormindo, com a serenidade d'um justo, as horas primeiras d'aquelle somno de que jámais se desperta.

Mas todas estas grandes verdades concorrem para que no respeito nacional, esquecendo todas as dissenções e todos os resentimentos, mais se eleve a egrégia figura junto da qual a Patria portugueza toloridamente agora ajoelha e reza!

* * *

Quanto á conversão politica de Junqueiro, é pena que elle não tenha tido mais os dois annos de vida que, segundo tambem hontem contou o sr. dr. Trindade Coelho, pedia a Deus que lhe concedesse ainda!

Se já agora estava inteiramente divorciado da vida politica do regimen, ao qual não poupava os seus mais sarcasticos e demolidores epigrammas, n'aquellas syntheses lapidares de que tinha o exclusivo segredo, tão diversa é esta republica da *rua* daquella *republica astral* que Junqueiro idealisára na sua larga phantasia, não é inverosimil que mais ampla fôsse ainda, n'um breve prazo, a sua evolução politica e não nos surprehenderia que, tal como succedeu a outros iconoclastas dos *Vencidos da Vida* — e esse foi o caso de Ramalho Ortigão — vissemos o grande Poeta reingressar, se a Morte se demorasse, n'aquellas instituições seculares que teem as suas raizes na Historia de Portugal!

Se essa conversão politica se não fez, porém, tão ostensivamente como a religiosa, a sua nobre attitude com os vencidos politicos de 1919, as suas apreciações pungentes á marcha da republica, ouvidas por quantos, ao visitarem os carceres do Porto, ali o encontravam junto do seu e nosso querido amigo dr. Luiz de Magalhães, as suas palavras nobres e corajosas no julgamento dos que constituiram a Junta Governativa do Reino, e, além de tudo o mais que sabem porque lh'o cuviram os que se avistaram nos ultimos tempos com Guerra Junqueiro na sua casa de Santa Catharina no Porto ou já em Lisboa, são indicadores seguros de que para elle a lenda republicana estava desfeita e pulverisada e só por extrema condescendencia não fazia publica abjuração dos principios cuja realisação era tão opposta aos seus antigos e desinteressados objectivos patrioticos.

Fica-se assim pensando no que ha de mysteriosa grandeza n'esta reconciliação dos mais preclaros espiritos com a Verdade, quando se avisinha a hora extrema da sua ascenção para Deus que os creou e vae julgal-os!

Como a obra negativista e demolidora d'uma longa vida se desmorona, de subito, pela penitencia a que se rendem as consciencias quando sobre as paixões que se extinguem na proximidade do tumulo desce a luz deslumbrante da Eternidade a illuminar, com divinas scentelhas, a reparação que as redime!

2

ANNO V — Numero 1:442 — Numero avulso 200 réis

A EPOCA

EDITOR—PEDRO CORREIA MARQUES
PROPRIEDADE DA EMPREZA «A EPOCA»

DIRECTOR — J. Fernando de Souza (Nemo)

REDACÇÃO E OFICINA: RUA DA LUCIA, 30, 2.º
IMPRESSÃO: RUA DO SECULO, 43

GUERRA JUNQUEIRO

Perante os restos mortaes do grande poeta cuja alma Deus chamou á sua presença, após doença prolongada, emudecem as criticas da sua obra, de altissimo valor literario, mas que tão profundamente magoou as almas crentes.

Pagou largo tributo aos erros do seu tempo, deixando-se influenciar pelos prejuizos anti-catholicos que violavam o ambiente intelectual da sua geração.

A cruel lição dos factos fel-o rectificar os seus juisos e repudiar os seus antigos ataques á Egreja?

A escola do sofrimento fol-he salutar, levando-o a procurar em Deus a clara visão da vida. Por isso caminhava para a conversão, confessando aos amigos, que na ultima doença o acompanhavam, que á sua fé religiosa devia a força para resistir á tentação do suicidio suscitada pelo soffrimento.

Era a «homem soffrimento» cantada com gratidão por Coppée. Era o divino cinzel da dor aceita com resignação, desbastando o marmore vivo da alma, para nele reproduzir a imagem do Christo, de cuja misericordia compadecida tanto carecia!

Até onde foi o espirito do grande escriptor nesta marcha ascencional? Teria aceitado integralmente as consequencias logicas e praticas da sua aproximação da Egreja, se alguem tivesse o carinhoso desassombro de lhe aconselhar o recurso ao Vaticó para a grande viagem? Não haveria no faltano do seu coração o desejo da recepção dos sacramentos «alma explicita e publica reconciliação com a Egreja?

E' possivel; é provavel; é quasi certo. As preocupações religiosas manifestadas a cada momento dominavam-lhe o espirito.

A determinação de um funeral religioso, despido dexterioridades pomposas, implica o seu formal proposito de manifestar o regresso ao seio da Egreja, de que se afastára, como o filho prodigo do Evangelho, para dissipar longe d'ela o opulento patrimonio de talento que Deus lhe liberalisára.

Bastou essa determinação para a Egreja, que é mãe indulgente e vae tributar-lhe piedosos sufragios. Ela não ignora que no momento supremo a justiça e a misericordia divinas se harmonisam perante os ancelos de uma alma para a Verdade e para o Bem infinitos.

Desta ultima resolução do poeta podemos dizer que é uma grande lição legada por ele aos que lhe tributavam culto idolatrico.

«Defunctus adhuc loquitur.»

Aos que nos seus livros se imbuiram de prejuizos odientos contra a Egreja, mostra-lhes que é errado esse caminho e como á sombra da cruz de Christo nos devemos acolher, ao menos na hora em que para sempre se fixam os nossos destinos e á Egreja devemos pedir que nos acompanhe nesse transe com as suas orações.

Ha tempos narrava o sr. Dr. Francisco Veloso o seguinte caso, significativo:

Havia-me contado um amigo e catholico muito conhecido e estimado no Porto que a anotação referente á «Velhice», e feita por Junqueiro nas «Poesias», era, quanto ao seu sentido religioso, muito mais extensa e muito mais precisa do que, por ordem dos editores-proprietarios, veio a lume. Este amigo meu disse-me, chegara a tal na tipografia, e ao contar-m'o acrescentava:

—Se eta tivesse sido toda publicada, o Junqueiro nunca mais obtivera dos seus religiosos o tratamento de correligionario. Passava logo a ser um «odio» e um «horror».

E assim succedeu, mesmo sem ir tão longe como desejava, no caminho da reparação. E ultimamente, segundo se diz, empreendia profunda revisão do poema «A Patria» para o expurgar do que n'ele ferira o sentimento religioso e patriotico.

Vão abrigar-se os restos mortaes de Guerra Junqueiro sob as abobadas do grandioso templo que a piedade dos nossos maiores erigiu em honra do Coração Sacratissimo do Redemptor, que é «Paz e de conciliação». Que «lourente Ilido de coisas para o povo portuguez!

E' nessas ultimas horas da existencia, em que mais se aproxima de Deus, as nebulosidades panthestas que desfiguravam por as puras linhas da verdade, devem ter-se dissipado perante o mysterio, que se ia desvendar, do Deus Creador e Providencia, no nos movemos, existimos e vivemos, e que o poeta proclamava num momento de boa inspiração:

O crente, como eu, no infinito do peito
Abriga a mesma crença e guarda o mesmo ideal,
O horisonte é infinito e o olhar humano é estreito
Como que Deus é eterno e que a alma é mortal.

Sim, creio que depois do derradeiro somno
Ha de haver uma trova e ha de haver uma lira
Para o moço que morre ceuando sobre um throno
Para o senhor que espera morrer n'uma cruz.

O pedido dos sufragios da Egreja, a Cruz recebendo-o nos seus braços, a figura de Christo com o Coração trasbordando de amor por nós, junto do seu feretro a imagem do grande amante de Deus e Christo S. Francisco de Assis a acompanhar os seus restos mortaes, proclamam a fé christã do poeta, indo além dos dogmas da Egreja.

Ennltecjamos embora os seus talentos, mas sem hyperboles mais ou menos afectadas e sem fazer d'essa homenagem uma apotheose pagã. Melhor é, porém, que oremos pela sua alma, pedindo a Deus que lhe conceda a mansão do refrigerio, da luz e da paz!

NEMO.

Guerra Junqueiro

Ha cerca de cinco dias, a doença que victimou o poeta, uma broncho-pneumonia, agravára-se assustadoramente. A' sua casa, na rua de Silva Carvalho, para onde quiz vir, do Porto, a romaria de amigos e toda a gente que se interessava pelo estado de Junqueiro, era constante. O poeta resolvera, porém, não receber pessoa nenhuma. Apenas os medicos entravam no quarto onde Junqueiro se encontrava, num leito modesto, rodeado pelos cuidados de sua esposa, sua filha D. Maria Izabel e sua velha creada Ana.

Ante-hontem, á meia noite, o poeta adormeceu tranquilo. Assim passou toda a noite, serenamente, sem uma convulsão, sem um estertor.

A's 4 e meia da manhã, a alma do poeta, soltou-se do seu envolucro terrestre.

A' 1 hora da tarde, o cadaver foi retirado do leito e deposto numa urna com grôsses de prata, que foi transportada para o escriptorio do sr. dr. Mesquita de Carvalho, seu genro.

A urna repousa numa pequena eça forrada de damasco vermelho, em frente a um altar, com um crucifixo, uma imagem do Sagrado Coração e dois velas.

Junto ao corpo foi colocada uma imagem de S. Francisco de Assis, como determinou o falecido.

O corpo de Junqueiro será hoje conduzido, ás 17 horas, pelos seus amigos e admiradores, para a Basilica da Estrela, onde ficará até ao funeral, que não se realisa antes de terça-feira.

Ainda por determinação do poeta, o enterro será religioso e modesto, não se recebem corôas e não serão proferidos discursos.

O corpo ficará depositado no cemiterio do Alto de S. João, se a familia não determinar que vá para Freixo de Espada á Cinta, onde repouza sua mãe.

Notas bio-bibliograficas

Abilio de Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada á Cinta, Traz-os-Montes, em 17 de setembro de 1850. Foram seus paes o abastado lavrador e negociante José Antonio Junqueiro Junior e a sr.ª D. Ana Guerra, falecida quando o poeta apenas contava tres anos de edade.

Guerra Junqueiro tinha 14 anos, quando publicou os primeiros versos, as *Duas paginas dos quatorze anos*, obra constituida por duzia e meia de quadras sem valor literario. Dois anos depois, o poemeto romantico *Mysticae Nuptiae*, revelava já qualidades de poeta. Tendo estudado preparatorios no Porto, Guerra Junqueiro partiu para Coimbra, a frequentar a Faculdade de Direito, continuando a versejar e a publicar as suas composições. Assim, saíram em 1867 as *Vozes sem echo* e em 1868 o *Baptismo de amor*, este composto aos 18 anos.

Em 1873 proclama-se a republica no vizinho reino, facto que é celebrado por Junqueiro com o seu poemeto *A Hespanha livre*, ultima das pequenas composições que precederam a publicação do livro que o fez celebre: *A morte de D. João*.

Depois de formado, o poeta exerceu os cargos de secretario geral dos governos civis de Angra do Heroismo e de Viana do Castelo, e em 1878 foi eleito deputado por Macedo de Cavaleiros. Esta phase da sua vida politica explica-a o proprio poeta no artigo *A execução de uma quadrilha*, publicado em 23 de abril de 1910, no jornal portuense *A Patria*:

«Filiei-me no partido progressista quando se debatia na adversidade e o seu programa de governo era inteligente, honesto e democratico. Exercia eu nessa epoca o cargo de secretario geral na Ilha Terceira, devendo a minha nomeação, um pouco á minha convivencia com Barjona de Freitas, mas principalmente e sobretudo á camaradagem afectuosa de Jayme de Seguier e á estima literaria de Antonio Rodrigues Sampaio. Subindo ao poder os progressistas, fui transferido para Angra e, logo depois, fui eleito deputado d'ahi a mezes. Por desventura, regressei dos Açores tão gravemente enfermo, que durante alguns anos me vi exausto e aniquilado. A custo fui á Camara meia duzia de vezes.

Por incompatibilidade (que eu ignorava) entre as funções legislativas e as de secretario geral, abandonei este cargo, com grande sacrificio para mim. Toda a gente me supunha riquissimo. Enganavam-se. A minha fortuna era insignificante e a de minha mulher não era grande. E não só eu deixei o modesto cargo que me auxiliava, mas nunca mais exerci ou ambicionei outro qualquer. Quando os progressistas voltaram ao governo, fui voltar ainda ao parlamento, movido apenas por uma ideia nobre e desinteressada: acompanhar Oliveira Martins, visto que mais do que ninguem eu concorrera para o levar a uma acção de governo dentro do partido progressista».

* * *

Mais tarde, o espirito politico e literario de Guerra Junqueiro sofreu profunda transformação. A sua feição demolidora acentuou-se por ocasião do *ultimatum* que deu origem ao poema satirico *Finis Patriæ*, do qual, o poemeto *A' Inglaterra* é considerado pelo critico sr. Fidelino de Figueiredo como «uma maldição de uma veemencia inexcedivel, pela brutal energia das imagens, pelo impeto do odio destruidor que a anima, unicos na litteratura portugueza.»

Em 1896, surgia *A Patria*.

Referindo-se a este livro, o mesmo critico diz:

«Como obra doutrinaria *A Patria* é de um valor muito secundario, e valor secundario que não de forçosamente ter todas as generalisações improvisadas da historia de um paiz, a qual está ainda de todo por fazer; valor secundario agravado pelo melindre de tratar um assunto de verdadeira historia e ainda ignorada. Porém, para compensar essa fraqueza do poema, o seu lado artistico destaca-se e impõe-se.»

Ultimamente, porém, o poeta, que na republica apenas desempenhára um fugidio cargo diplomatico, não perdia ocasião de mostrar a sua descrença profunda da acção do novo regimen. Egualmente, como o nosso director acentua no editorial de hoje, era notavel a evolução religiosa no seu espirito.

* * *

A bibliografia do poeta é a seguinte:

Duas paginas dos catorze anos, Mysticæ Nuptiae, Vozes sem eco, Baptismo de amor, A Victoria da França, A Hespanha livre, A Morte de D. João, O Crime, Tragedia infantil, Contos para a Infancia, Aos Veteranos da Liberdade, O melro, A Musa em ferias, A Velhice do Padre Eterno, Finis Patriæ, Canção do Odio, Os Simples, Patria, Oração ao Pão, Oração á Luz; um artigo em francez sobre *O radio e a radiação universal*, publicado em *La Revue*; *Théorie de certaines actions radio-biologiques*; *A execução de uma quadrilha*, longo artigo de defeza pessoal e politica, publicado no jornal portuense *A Patria*; *Poesias dispersas* e *Prosas dispersas*, a sua ultima obra.

2

O PRINCIPE DOS POETAS DA IBERIA

Morreu o mestre e patriarcha das lettras Guerra Junqueiro

Da sua vida e do seu labor -- O mestre no seu lar --"Os simples" obra mestra de arte -- "A bandeira" --"Os submarinos"--"A conversão no crepusculo"-- "O cavador"

1. *O Dia*
Edições de 7 a 12 Jul. 1923

2. *A Época*
8 Jul. 1923

LISBOA
BLX HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA